

Marquise vira extensão de casa

MARCELO ROCHA

DA EQUIPE DO CORREIO

As ocupações irregulares conhecidas como *puxadinhos*, comuns nas quadras comerciais do Plano Piloto, também podem ser vistas em prédios residenciais de duas quadras da Asa Norte. Para driblar a limitação de espaço, os moradores agregaram aos apartamentos a área externa das marquises e fizeram dela extensão de casa, transformada em varanda ou lavanderia.

O uso dos espaços é totalmente irregular. Não estava previsto no projeto original. Qualquer modificação depende de parecer técnico e de autorização da Administração Regional de Brasília, mas nada disso foi providenciado. Não há sequer garantia de que a estrutura suporta o peso adicional.

O problema atinge a maioria dos apartamentos de primeiro andar de 18 prédios — dois na 407 Norte e 16 na 408 Norte. As lajes foram projetadas para avançar dois metros além das fachadas, formando as marquises. De início, não havia ligação entre elas e as moradias. Aos poucos, porém, os ocupantes quebraram paredes e abriram portas de acesso. Assim, cada unidade, com 145 m² de área, passou a ter 185 m².

Mais espaço dentro de casa, muita desordem visual para quem vê de fora. Os *puxadinhos* não têm padrão. As grades vão do chão ao teto. Telhas metálicas ou toldos de cores variadas são utilizados como cobertura. Alguns moradores preferem o blindex, outros chegam a erguer paredes de alvenaria sobre as marquises. “Uma bagunça”, define o arquiteto Milton Ramos, que assina o projeto dos 18 edifícios, habitados desde 1969.

Durante encontro recente com síndicos e moradores dos prédios, o arquiteto condenou a utilização das lajes. “Não as dese-

nhei para serem usadas como varandas ou lavanderias.” O arquiteto Cláudio Queiroz, superintendente regional do Instituto do Patrimônio Histórico e Nacional (Iphan), também condena a prática irregular. “Apesar de respeitadas as dimensões dos terrenos, o uso das marquises contribui para a favelização.”

O presidente do Grea-DF, Alberto de Farias, por sua vez, chama a atenção para a falta de segurança. “Qualquer alteração da fachada predial precisa de um projeto, com indicação de responsabilidade técnica. É preciso saber se a superfície tem resis-

tência para suportar a carga adicional”, alerta. Segundo ele, usos indevidos como o das marquises pode comprometer até mesmo a estrutura de todo o prédio. “Por isso, a necessidade de um estudo prévio.”

Espaço morto

Os moradores não se preocuparam com nada disso. Esperaram apenas a venda dos imóveis funcionais, no início da década de 90, para iniciar o processo de ocupação. “Esse era um espaço morto, servia apenas para juntar lixo e insetos. Agora, está sempre limpo”, justifica o aposentado

Justino Faria, 83 anos, morador da 407 Norte. “É também questão de segurança. Sem essas grades aqui, os assaltos eram constantes porque a marquise facilita o acesso do ladrão”, reforça a aposentada Olga Santos, também da 407 Norte.

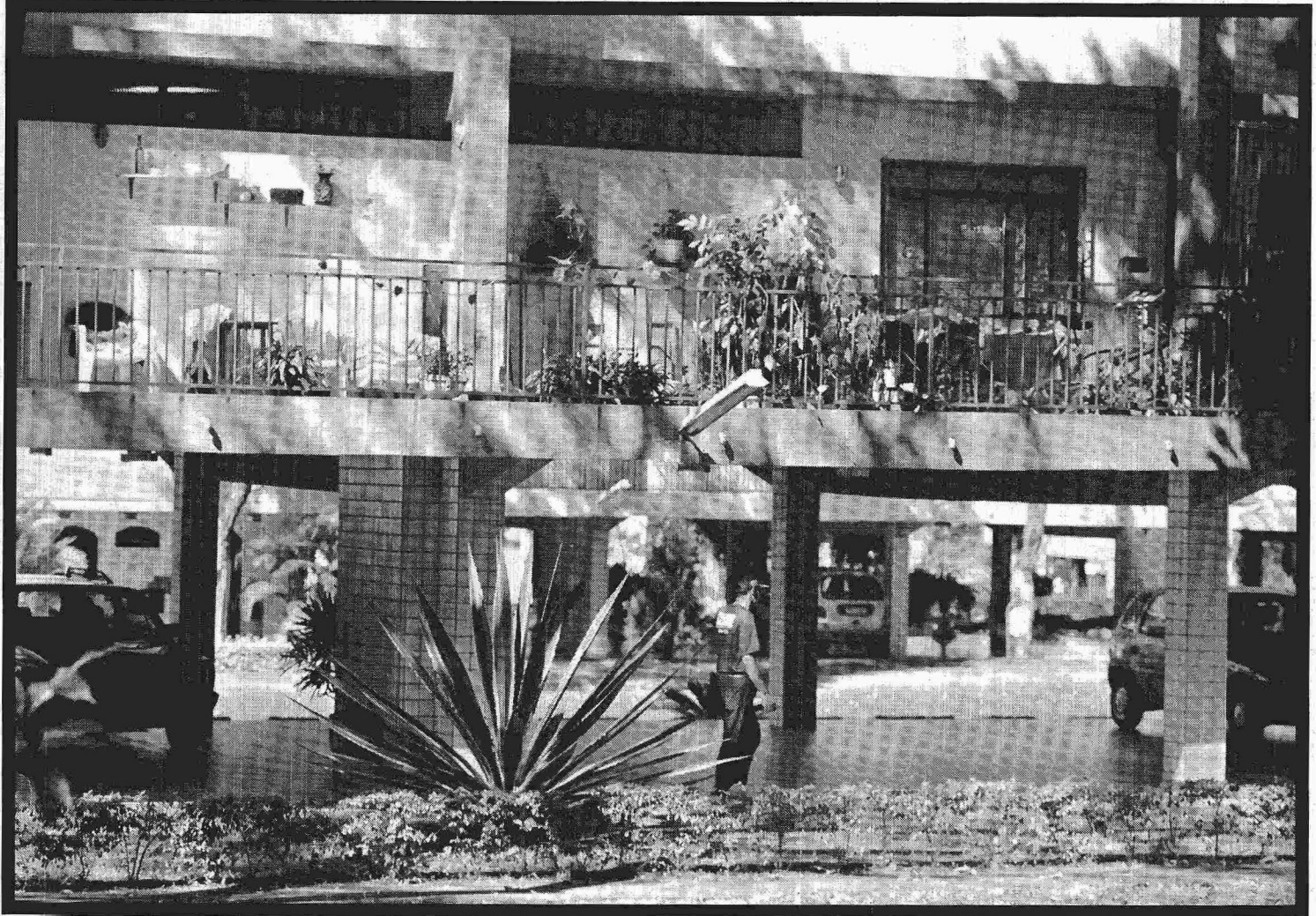
Quem ocupa os demais pavimentos reclama. Síndico do bloco L e morador do terceiro andar, Márcio Rodovalho critica a desorganização das fachadas. “As pessoas estendem roupas, empilham cacarecos, fecham tudo sem qualquer padrão”, diz.

Os síndicos dos prédios estão reunindo informações para pedir

à Administração de Brasília que permita apenas o uso “moderado” das marquises. “Vamos defender a utilização delas apenas como varandas”, conta Rodovalho. Se conseguirem autorização, pretendem cobrar uma taxa de condomínio mais alta dos moradores do primeiro andar.

Por enquanto, a administração considera as ocupações ilegais. Segundo a assessoria do administrador de Brasília, Clayton Aguiar, os condomínios já foram notificados e multados — as multas variam de R\$ 1 mil a R\$ 1,5 mil — por desobediência ao código de obras e ao projeto original.

Kleber Lima 20.8.03



MARQUES CERCADAS E USADAS IRREGULARMENTE POR MORADORES NO BLOCO J DA 408 NORTE: “UMA BAGUNÇA”, DEFINE ARQUITETO QUE PROJETOU PRÉDIOS